MULHERES 50+ MUSICANDO LOCALMENTE: curso de música extensionista

Comunicação

GTE 15: Gênero e sexualidade na Educação Musical

Harue Tanaka
Universidade Federal da Paraíba
haruetaulas@gmail.com

Resumo: O presente relato tem por fulcro apresentar uma discussão sobre música, gênero e saúde mental, categorias analíticas encampadas por um grupo de pesquisa interdisciplinar sobre música, corpo, gênero, educação e saúde (MUCGES). O relato narra a experiência docente extensionista na Universidade Federal da Paraíba com uma turma de mulheres 50+ (fevereiro a junho de 2026); tendo por objetivo discutir a qualidade da saúde física/mental em contexto de fazer musical local, ampliando a ideia do "musicar" (*Musicking*) (Small, 1998), na medida em que todas as ações devem ser entendidas e fomentadas com base na representatividade das *performers* sob as várias ações em torno da música. Um importante aspecto que nos levou a investigar o perfil da turma foi a tomada de consciência de que ao estarmos lidando com mulheres dentro da faixa etária dos 54 a 76 anos de idade que impingiu um novo olhar dentro do curso de música para mulheres intitulado "Mulheres em performance musical: musicando localmente" (ano VI). Os resultados demonstraram que a metodologia adotada esteve atrelada tanto à faixa etária quanto ao perfil como um todo que incidiram em aspectos que acabaram por modificar o cotidiano delas, qual seja a atuação e o modo de pensar foram transformados a partir da participação efetiva no curso. Nesse sentido, entende-se que o envolvimento nas práticas propostas e o interesse na metodologia tornaram o grupo coeso e potente, tanto nas discussões sobre música, quanto no tocante às questões sobre gênero e música, repercutindo no desenvolvimento musical e de suas capacidades e habilidades.

Palavras-chave: etarismo, musicar (*Musicking*), mulheres 50+.

Aspectos introdutórios

O escopo desse relato de experiência tem como ponto central a transformação da metodologia de ensino, por conseguinte, os resultados observados na sexta versão do curso de música para mulheres, intitulado "Mulheres em performance musical: musicando localmente". Nas primeiras versões, iniciada em 2019, ainda não tínhamos tido contato com uma turma cujas mulheres estivessem, predominantemente, com idade 50+. Esse fato modificou, sobremodo, não apenas o olhar da pesquisadora/ministrante do curso, como

exigiu uma mudança e entendimento do *timing* dentro do processo de ensino e aprendizado musical. Interessante observar que nas primeiras versões havia uma baixa crença de autoeficácia (Bandura apud Cavalcanti, 2009), porém em outro sentido. Todavia, é importante lembrar que conforme dito por Camarano (2004, p. 5): "assumir que idade cronológica é o critério universal de classificação para a categoria idoso é correr o risco de afirmar que indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas são homogêneos." Assim, sentimos a necessidade de produzir entrevistas que esclarecessem algumas falas que apareceram ao longo do curso; já que não poderíamos determinar um critério para classificar pessoas a partir apenas da idade, principalmente, por estarmos lidando com indivíduos cujas histórias de vida são extremamente heterogêneas. Ademais, porque existe o conceito de interseccionalidade que procura explicar como essas identidades se cruzam e moldam a vida de cada pessoa.

Um aspecto em comum entre quase todas as participantes nas diversas versões era a mitificação sobre o "dom musical". O curso foi criado também no intuito do desfazimento de falsas crenças e mitos criados ao longo de décadas de um sistema que não só tornou a mulher um objeto como menosprezou seu cérebro – o patriarcado. Desse modo as mulheres acabaram por desenvolver uma baixa crença em suas capacidades, principalmente, em relação à música, atribuindo à falta de dom e a inabilidade de "tocar", visto que o "tocar", em um senso comum, parece ser a habilidade recepcionada quando se fala de aprendizado musical.

Novas descobertas sobre categorias a serem analisadas

A partir das entrevistas e dos discursos que apareceram ao longo das aulas (30 horas-aula) foi possível detectar três aspectos que até então não havia surgido nas edições anteriores; ao mesmo tempo, apareceu a necessidade de se observar que a resposta metodológica da prática resultou na iniciação de um "processo de metacognição e autorregulação" (Araújo; Ferronato; Ferronato, 2024). Tais categorias disseram respeito ao que Lisa Mosconi (2025, p. 33) chamou de triplo desafio: o menopausismo, o sexismo (neurossexismo) e o etarismo. Sendo, entretanto, uma complementação dentro do universo do curso, visto que no campo de pesquisa outros aspectos já haviam sido contemplados e relacionados a mulheres de 18 a 70+ anos. As categorias já abordadas e enfatizadas nesse

âmbito disseram respeito, principalmente, à saúde mental e promoção da saúde (Tanaka, 2024b, 2021a), a questões de gênero e música (Tanaka, 2024c, 2021b, 2018), e à categoria do "*Musicking*". "Musicar", um neologismo criado pelo educador e músico Christopher Small (1998) que diz respeito ao fazer musical (ação) (Tanaka, 2024c, 2021b, 2021a). Assim, o curso foi criado para estimular a ação de mulheres a fazer música, estudar e discutir sobre música, muito em função de uma performance, mas também do envolvimento do que é o aprendizado musical. Dada a amplitude de tais aspectos, apresentamos recortes sobre algumas observações no curso na edição de 2025.

Nas versões anteriores atribuímos fortemente que as dificuldades apresentadas pelas mulheres no aprendizado musical estivessem ligadas ao alto nível de estresse e ao aceleramento mental devido a transtornos comuns mentais (TCMs). Transtornos que eram subnotificados e passaram a ser diagnosticados em vista da pandemia que acirrou os problemas que sempre existiram, mas não eram tão visibilizados tampouco tratados. Assim, o curso foi se adaptando ao "novo normal", alertando os docentes para o adoecimento de discentes que estavam sofrendo cada vez mais de depressão, transtorno de ansiedade generalizada (TAG), e detecção do transtorno do espectro autista (TEA) e do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), dentre outros. Em função da visibilidade no meio acadêmico e dos diagnósticos que passaram a ser divulgados, inclusive, nos meios universitários (graduação e extensão) (Tanaka, 2024c, 2024b).

Na versão comentada, porém, foram levantadas novas categorias analíticas para explicar as dificuldades apresentadas pelas alunas, dentro do *continuum* de um processo que ocorre desde 2019. (Tanaka, 2019). No decorrer deste *continuum*, percebemos que novos assuntos foram sendo introduzidos ao longo das versões.

Sobre a menopausa. Como dito, só a partir do referido curso de extensão (ano VI), percebemos as problemáticas geradas pela idade (mulheres de meia-idade e idosas). Conforme Lisa Mosconi (2025, p. 20). seremos até 2030, 1 bilhão que terão entrado ou estarão prestes a entrar na menopausa e que passarão 40% da vida, nesse período. Basicamente até o século XIX, a menopausa permaneceu invisível e expressões coloquiais eram a ela atribuídas, por toda Europa, tais como "inferno das mulheres", "idade da decrepitude" e "morte do sexo" (Mosconi, 2025, p. 35). Ainda, segundo Mosconi (2025, p. 23), "anos de pesquisa deixaram

claro para mim que cuidar da saúde do cérebro feminino requer um profundo e meticuloso entendimento de como ele muda em resposta aos hormônios, especialmente durante a menopausa".

Ter conhecimento sobre essas questões tem uma incidência direta no aprendizado musical; entendendo que não se trata de falta de capacidade ou inabilidade por parte das mulheres, mas sim, está ligado ao funcionamento do cérebro. Falas constantes demonstravam o sentimento de frustração ao sentirem dificuldade para entender e memorizar os exercícios e, assim, executar as tarefas passadas, principalmente, do método de base utilizado O Passo (Ciavatta, 2009).

Sobre o menopausismo. Trata-se do preconceito alimentado pelo estigma do envelhecimento e do machismo, cuja ocorrência se dá no período anterior, durante e após a menopausa; a menopausa modifica sobremodo as atitudes e o modo de aprendizagem das mulheres e que diretamente afetam o estado de humor, de cognição e recepção das informações apreendidas.

No depoimento da aluna "L", 56 anos de idade (entrevista via *WhatsApp*, 19/06/2026, grifo nosso), destacamos alguns trechos em que perguntamos se ela já tinha entrado na menopausa e se sentiu alguma mudança do ponto de vista cerebral:

> *Já. Senti muito calor, coração acelerado, estado de pânico, às vezes. Em relação ao cérebro, me veio muitas lembranças da infância. Situações vividas também na adolescência, como se esses acontecimentos me parecessem bem importantes agora.* [...] *Eu sinto uma disposição maior. Uma vontade de conhecer mais sobre música, que antes me parecia algo muito distante, inalcançável até. Hoje sinto que pode* ***ser possível*** *aprender.*

Mosconi fala sobre a dificuldade no tratamento médico, em que os médicos menosprezam a relação dos problemas apresentados por mulheres sem levar em conta a relação direta do funcionamento do cérebro com o aspecto hormonal – conexão cérebro-hormônio (Mosconi, 2025, p. 28). E muito mais preocupante era a ideia que a comunidade médica tinha sobre quando a mulher atingia a menopausa:

> Em seu best-seller *Tudo o que você queria saber sobre sexo* (1969) David Reuben declarou: "Quando os ovários deixam de funcionar, a própria essência da mulher desaparece". Ele acrescentou que "uma mulher na pós-menopausa chega o mais perto possível de ser um homem", corrigindo -se

> em seguida, “não é bem um homem, mas já não é uma mulher funcional”. Aos poucos a ideia de que a menopausa é uma síndrome de deficiência de estrogênio se consolidou e até hoje é comum em livros universitários e práticas médicas. Por outro lado, os verdadeiros mecanismos pelos quais o estrogênio afeta a saúde mental só foram revelados recentemente. (Mosconi, 2025, p. 37, grifo da autora).

Outra categoria mencionada por Mosconi (2025, p. 30-34) diz respeito ao sexismo e ao neurossexismo que se forjou na crença de que o cérebro dos homens era superior ao das mulheres. Durante o curso foi importante entender que as variações do modo de apreender as informações deveriam ser atribuídas ao *timing* de cada uma. Mosconi afirma que as diferenças entre o cérebro de homens e mulheres “podem não ter efeitos determinísticos na inteligência ou no comportamento das mulheres e nunca devem ser utilizadas para reforçar estereótipos de gênero, mas são cruciais para promover a saúde do cérebro, *especialmente* após a menopausa.” (Mosconi, 2025, p. 40, grifo da autora).

A partir da análise do discurso da aluna “A” (67 anos) têm-se uma visão mais abrangente da situação de muitas que se encontram nessa faixa etária cuja fala se coaduna com o perfil de várias mulheres que sofrem duplamente com preconceitos, tanto do etarismo quanto com a suposta incapacidade de estudar música (leia-se, notadamente, tocar um instrumento). Lembrando que já faz parte do conhecimento geral que o cérebro mantém a neuroplasticidade intacta, permitindo o aprendizado musical a qualquer tempo, o que significa que a idade em si não determina o “declínio” do aspecto cognitivo.

> *Em casa, meu pai... Ele me via estudando... é... uma música... Ele dizia: ‘A., na família não tem ninguém com dom musical. E você nessa idade não vai conseguir’... ‘Mas eu vou tentar, papai’, eu dizia até assim, ele disse. Tanto que eu disse assim: ‘Se eu estou agora, podendo comprar um pandeiro, pagar uma professora é porque eu venci muita coisa. Eu saí lá do interior, como o senhor sabe, vim pra cá, e tô podendo, e eu vou fazer.’* (Aluna “A”, áudio 2, entrevista, 21/06/2026). [...] *Depois veio o aprendizado da rabeca. ‘Eu comecei a me interessar meu som arranhado, e... dengoso da rabeca’ ‘E junto com a rabeca, e antes, aliás, eu me interessei pelo fole de 8 baixos, porque ele é um antecessor da sanfona’* [...] *Quando eu chegava pra falar com as pessoas, elas diziam: ‘Mas como é que você vai conseguir conciliar isso tudinho?’. ‘Mas eu não tenho [tinha] muito tempo... Eu não fiz a vida toda, agora eu tô correndo atrás, agora eu tô podendo pagar professor’. ‘Sim, e por que você num escolheu um instrumento mais fácil?’, ‘Eu não sabia que era tão difícil.’*[...] *Daí uma colega disse assim: ‘Mas você num aprende nem meu nome, como é que vai aprender a tocar fole, né?!’. Isso magoou, pesou*

> *[colocando a mão esquerda no peito], mas eu disse assim [pra mim] a única forma que eu tenho de responder é tocando uma música pra ela, pra ela ver que eu posso.* (Aluna "A", áudio 3, entrevista, 21/06/2026).

Essa aluna representa a fala das raras mulheres que têm a determinação de aprender instrumentos como a rabeca e o fole de 8 baixos, que, para o universo da cultura popular *per si* consistem em verdadeiro desafio. Além da extrema dificuldade na aprendizagem de tais instrumentos, há raros professores desses instrumentos. No caso da rabeca, há no máximo uma tablatura criada pelo professor-rabequeiro com quem a aluna estuda, e no caso do fole, um método produzido pelo maior mestre vivo do fole de 8 baixos, no Brasil, e com quem teve aulas. A verdade é que no meio da cultura popular o aprendizado ocorre de modo basicamente empírico e imitativo, no estilo "aprender-fazendo", dado que não há, de fato, uma metodologia formalística, embora haja uma sistemática própria no ensino desses instrumentos ou de gênero musicais, próprios da cultura popular, a exemplo do coco de roda, como atestamos em "Mulheres brincantes do coco em cena: uma análise inicial sobre um grupo de pesquisa em gênero e música" (Tanaka; Freitas; Rocha, 2017) que tratou de informar os pretensos passos em busca da observação e análise de algumas mulheres que fazem parte da cultura popular paraibana.

O referido curso foi proposto para explicar como solucionar problemas de ordem técnico-musical (performance instrumental) e teórico-musical. Em síntese, a ideia central foi explicar os porquês das dificuldades no aprendizado musical que, por vezes, decorrem da falta de um estudo preparatório para entender o fazer musical e o que, por exemplo, a partitura musical representa. E o entendimento proposto se baseou, inicialmente, na compreensão dos 3 elementos da música: harmonia, ritmo e melodia. Devemos salientar que pessoas que procuram os cursos de extensão da UFPB estão em busca de um conhecimento formal e, também, teórico; visto que já têm a prática instrumental nos grupos musicais em que participam. Na maioria dos casos, são grupos para mulheres ou de maioria de mulheres, com mulheres à frente e onde analisamos os aspectos referentes ao aprendizado das mulheres dentro da cultura popular e em grupos exclusivamente formado por mulheres (Tanaka, 2024b, 2021a, 2021b, 2016); além de discutirmos em Reflexões sobre o universo da performance musical feminina: o caso das sanfoneiras acadêmicas (2018), notadamente sobre a inserção

de mulheres da cultura popular no mundo acadêmico, uma vez que estamos falando também de folistas (tocadoras de fole de 8 baixos)

O depoimento da aluna “A” traz outro aspecto recorrente não apenas entre seus parentes, mas com colegas que não tocam ou que tocam com ela. É comum as próprias colegas em grupos de mulheres, também, agirem com etarismo, tratamento infantilizado e inapropriado quanto às capacidades de tocar da colega (trechos desse relato foram gravados em depoimento); o que gera um desconforto, levando muitas vezes, à saída da instrumentista desses grupos. Em relatos anteriores sobre contextos de ensino e aprendizagem não-formais há, inclusive, preconceito de gênero quanto aos instrumentos que algumas mulheres tocam, como os de percussão, entendendo que essa escolha estaria relacionada ao fato de serem lésbicas (sexismo quanto ao instrumento que se toca).

Um aspecto emblemático da fala da aluna “A” fica bem delineado por Reis (2002, p. 19-25) quando comenta que:

> Todo modo de pensar ocidental se estabelece [entre o mundo tribal e o mundo se alicerça a civilização moderna] e coincide também com a supremacia masculina e a invenção do patriarcado. [...] O patriarcado, que começou aos poucos com o desenvolvimento da urbanização, conferiu aos homens o poder de controlar as especificidades de gênero que predominam até os dias de hoje. (Reis, 2002, p. 23).

Na fala da aluna “A” evidencia-se a questão do patriarcado, no diálogo com o pai, que tem raízes profundas que vão muito além do aspecto genealógico, da figura do pai como aquele que comanda, como autoridade maior da família.

O curso foi pensado exatamente para o desfazimento de mitos, tanto os chamados mitos da formação – da precocidade, da inteligência, da perseverança – (Vasconcelos, 2002, p. 63-65) quanto àqueles que as mulheres introjetaram ao longo da História, muito em função do sistema patriarcal. “O gênero feminino foi exaustivamente explicado e discutido pela ótica masculina. Desta feita, os homens podiam ser visualizados no comando de suas posições definindo inclusive a mulher, enquanto esta existia escondida, invisível e reprimida.” (Reis, 2002, p. 25). “Se eu estou agora, podendo comprar um pandeiro, pagar uma professora é porque eu venci muita coisa. Eu saí lá do interior, como o senhor sabe, vim pra cá, e tô podendo, e eu vou fazer.” (Aluna “A”, áudio 2, entrevista, 21/06/2026).

Ao passo que a fala da colega se coaduna com a do pai, no sentido da suposta incapacidade da aluna “A”, mas torna-se mais severa, tanto quanto à capacidade de funcionamento do cérebro quanto à memória da colega (aluna “A”): “Mas você num aprende nem meu nome, como é que vai aprender a tocar fole, né?!” (Aluna “A”, entrevista, áudio 3, 21 jun. 2026).

Justamente, a questão da memória foi a que mais pareceu preocupar a maioria delas nesse âmbito de aprendizagem. “Minha memória nunca foi muito boa. E a musical, tampouco.” (G2, 54 anos, *WhatsApp*, 21/06/2026); “Não consigo memorizar uma partitura” (G1, 76 anos, durante as aulas), toca piano há 7 anos.

Procedimentos metodológicos

Para este relato, foram realizadas entrevistas, análise do discurso, conversas presenciais e on-line via *WhatsApp*, além de pesquisa bibliográfica e observação participante. Um dos aspectos mais relevantes, desde a criação do curso são as chamadas “rodas de conversa”, que nesta edição, passaram a integrar de forma essencial a metodologia adotada. Diferentemente dos encontros de planejamento comuns em grupos musicais de mulheres, especialmente na cultura popular, nos quais há pauta definida, propostas, discussões e votação (Tanaka, 2021a), as rodas de conversa funcionaram como espaço de troca de conhecimentos, opiniões e debates quanto ao método de ensino de música aplicado – O Passo – de Lucas Ciavatta. Esse processo estimulou as alunas a aprenderem de forma mais eficiente, evitando as frustrações, ao exporem seu modo de utilizar a metodologia discutida durante as aulas, aumentando os níveis de motivação e desempenho.

Em síntese, as aulas se dividiam em duas partes. Primeiramente, em uma parte introdutória chamada de “roda de conversa” que incluía questões de gênero e música, e conhecimentos, comportamentos e crenças específicos sobre o universo da música, tais como: “sexismo na música” (instrumentos musicais); “mito do dom musical”; “sobre ser músico(a)”; “sobre como as mulheres costumam se comportar em salas de aula de música quando estão em minoria”; “sobre o conceito de música” (John Blacking); “sobre o *Musicking* (termo que intitulou o curso)” (Small, 1998), dentre outros. Em um segundo momento, as orientações sobre o próprio aprendizado musical (memória musical; performance musical; “o tocar”; “o

ouvir"; a "audiação" (*audiation* proposto por Edwin Gordon), memorização, estratégias de leitura musical à primeira vista (LPV) (Tanaka, 2024a) e outros. Nessa etapa seguimos o plano do curso: a) Entendimento sobre as bases d'O Passo (folha dos números, folha do E e folha do I); b) A passagem da notação d'O Passo para a da notação tradicional; c) A passagem do tocar (folha do E) para instrumentos de percussão.

A memória musical

Conforme dito, de fato, um dos assuntos mais mencionados durante o curso, e que fomentou explicações sobre o funcionamento do cérebro e ensinamento sobre estratégias mnemônicas, foi o da memória (musical).

Assim, em um sentido de desfazimento dos mitos tal como anunciado no início, passamos a conversar sobre os porquês da dificuldade de memorização apresentada pelas alunas, requisitada pelos exercícios propostos no método d'O Passo; compreendendo que o modo como se memoriza estava diretamente relacionado ao entendimento do funcionamento do cérebro e não, necessariamente, à questão da idade. Além de termos que lidar com os mitos da formação que caracterizam estruturalmente o ensino da música (ensino conservatorial), principalmente, na cultura musical "erudita ocidental", como dito anteriormente (Vasconcelos, 2002, p. 63-65). [1] Essa, inclusive, considerada a música séria, culta e aceita historicamente, sendo adotada para designar obras de concerto destinadas à escuta atenta, em oposição à música ligeira (para dança ou fundo musical) ou de culto religioso.[2] Desta feita, firmou-se uma separação entre o que se entende, hodiernamente, por música erudita e música popular (tendo ainda outra vertente, a da cultura popular, também, conhecida por música folclórica ou tradicional).

Na metodologia adotada procurou-se estimular a chegada a resoluções de dificuldades apresentadas durante o aprendizado musical sobre trechos rítmicos – memorização e leitura –; incentivando a iniciativa das próprias alunas a encontrar soluções de ordem prática para tarefas designadas a serem cumpridas. Observamos quando tal tentativa, realizada em conjunto ou sozinhas, não fora feita de forma tão eficiente, e então, passávamos a demonstrar

[1] Sobre o ensino conservatorial (Jardim, 2002; Vasconcelos, 2002; Penna; Sobreira, 2020).
[2] Sobre os usos e funções da música (Merriam, 1992 (1964), p. 209-227).

que outros caminhos poderiam ser mais eficazes. A troca de *feedbacks* entre as mulheres envolvidas foram assaz promissoras. Utilizamos as folhas (dos números, do E e do I) do método d'O Passo como uma espécie de jogo da memória e compreensão do ponto de vista motor para treinar estratégias de memorização (técnicas mnemônicas). Por exemplo, para memorizar quais eram os elementos da música (harmonia, ritmo e melodia), utilizamos uma espécie de acrônimo, visto que utilizamos sílabas ao invés de letras (HA-RI-ME), relacionando ao nome da professora ministrante, no sentido de um aporte emocional. Outra técnica foi memorizar, um compasso a outro, conectando-os pelo que há em comum ou diferente, já que a memória precisa de conexões e clareza para reter a informação. Mesmo porque observamos que um dos problemas na execução musical é a compreensão sobre o que denominamos de zona de transição, considerada a passagem de um movimento musical (que também é corporal) para outro que pode ocorrer entre compassos ou dentro de um mesmo compasso. De toda sorte, as estratégias foram responsáveis por criarem gatilhos mentais que ajudassem o cérebro a recuperar informações com mais facilidade durante os estudos e exercícios propostos.

Outro fator trabalhado foi a associação do corpo ao movimento através da regência com os pés, proposta pelo método O Passo. Segundo Ciavatta, o binômio corpo e movimento é imprescindível no fazer musical. "Qualquer produção sonora que venha de um ser humano passa necessariamente por algum movimento corporal seu. Dalcroze (1967, p. 31), com relação ao fazer rítmico afirma: 'o dom do ritmo não é apenas uma questão mental, ele é essencialmente físico'". (apud Ciavatta, 2009, p. 21).

Um fator, provavelmente, responsável pela lacuna quanto ao treinamento da memorização musical, demonstrado pelas alunas, advenha da total dependência da partitura por algumas ou por não possuírem estratégias de leitura musical adequadas; ou ainda, pela falta de compreensão de que a memória necessita de aporte, envolvimento e de vários fatores que alcançam a memória visual, lógica [analítica], cinestésica, auditiva (Kaplan, 1987, p. 69); dependendo em última instância da "afinação" dos proprioceptores[3] (receptores sensoriais localizados nos músculos, ligamentos e articulações que enviam informações contínuas ao

[3] Verbete: proprioceptores. Disponível em https://enciclopedia.med.br/termos/proprioceptores/ . Acesso em: 20 jun. 2026.

sistema nervoso central sobre a força, tensão e estiramento muscular). Isso permite ao cérebro ajustar a postura e o tônus muscular de forma inconsciente.

Finalmente, depois da aplicação dessas estratégias pudemos atestar que obtivemos resultados promissores que foram confirmados através da produção dos vídeos e demonstrados pela aquisição das habilidades e conhecimento absorvidos pelas alunas.

Palavras finais

De acordo com o objetivo exposto inicialmente entendemos que conseguimos ampliar a qualidade da saúde física e mental no contexto em estudo, através do musicar em um espaço de ensino extensionista; além de promover o entendimento de como se pode aprender sobre música, desfazendo a ideia de que não se restringe ao aprendizado de um instrumento musical e que o dom não deve determinar a forma como lidamos com o aprendizado seja musical ou não. Todavia, o intuito do presente recorte não foi uma ampla discussão sobre os aspectos das mulheres 50+ tampouco sobre ampliação da discussão sobre aspectos da aprendizagem musical de adultos e idosos, o que ensejaria um outro trabalho. A intenção foi desenvolver a ampliação das categorias de análise dentro do curso, na sexta versão, sendo que vários foram os relatos já produzidos com cerne nos aspectos metodológicos que incidiram observações provindas tanto da área da etnomusicologia, educação, gênero, bem como da educação musical (conforme quadro de publicações) (Tanaka, 2019).

Sendo assim, a compreensão e a aceitação das alunas sobre o próprio *timing* e no modo de apreensão das ações necessárias para a aquisição de conhecimento a partir de fragmentos musicais interconectados foram os pontos altos.

Um aspecto assaz importante é deixar que o cérebro aprenda de forma conectada e lentamente, independentemente da idade. A velocidade de execução, no ato da memorização, é um fator de difícil compreensão para maioria das pessoas, dado que a ausência de sistematização e controle motor sobre as ações necessárias para se aprender musicalmente devem ser trabalhadas anteriormente. Segundo Kaplan (1987, p. 70), “a rapidez com que ocorrerá a fixação [um dos três estágios do processo de memorização] dependerá do nível de compreensão e significado e da maneira como são realizadas as repetições para reter o material em processo de memorização”.

As questões aventadas como etarismo, neurossexismo e menopausismo, além de outras, tiveram uma incidência direta no modo como as mulheres recepcionaram as ideias que diziam respeito ao aprendizado musical, produzindo uma repercussão direta na baixa crença de autoeficácia e autoestima, fator que pode levar à desmotivação para aprender música. A turma em análise teve um diferencial em seu desempenho, visto que as alunas, de fato, se envolveram nas práticas, nos exercícios propostos (vídeos) e em grupo de estudo, o que elevou o entendimento do "ser possível", levando a momentos prazerosos durante a prática musical. O propósito do presente relato teve como cerne fomentar mais estudos sobre as questões supramencionadas e sobre como se pode entender que a relação cérebro-hormônio tem um franco impacto no funcionamento cerebral e desempenho.

Referências

CAMARANO, Ana Amélia. Conceito de idoso. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). *Os novos idosos brasileiros*: muito além dos 60 anos? Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 4-11.

CAVALCANTI, Célia Regina Pires. Crenças de autoeficácia: uma perspectiva sociocognitiva no ensino do instrumento musical. *Revista da ABEM*, v. 1, n. 21, p. 93-102, 2009. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed21/revista21_artigo10.pdf. Acesso em: 19 jun. 2026.

CIAVATTA, Lucas. *O Passo*: música e educação. Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2009.

JARDIM, Antônio. *Escolas oficiais de música*: um modelo conservatorial ultrapassado e sem compromisso com a realidade cultural brasileira. *Revista Plural*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 105-112, jun. 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/42065258/Jardim_Antonio_Escolas_oficiais_de_m%C3%BAsica?email_work_card=view-paper. Acesso em: 13 jul. 2026.

KAPLAN, José Alberto. *Teoria da aprendizagem pianística*: uma abordagem psicológica. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1987.

MERRIAM, Alan P. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press, 1992 (1964)

MOSCONI, Lisa. *O cérebro e a menopausa*: a nova ciência revolucionária que está mudando como entendemos a menopausa. Tradução de Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2025.

PENNA, Maura; SOBREIRA, Sílvia. A formação universitária do músico: a persistência do modelo de ensino conservatorial. *Revista Opus*, On-line, v. 26, n. 3, 2020. Disponível em: https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020c2611. Acesso em: 13 de jul. 2026.

REIS, Margareth de Mello Ferreira dos. *Mulher*: produto com data de validade. São Paulo: O Nome da Rosa, 2002.

SMALL, Christopher. *Musicking*: The Meanings of Performing and Listening. Hanover: London: University Press of New England. 1998.

TANAKA, Harue. "Leitura à Primeira Vista" (LPV): teste no Processo de Seleção de Conhecimento Específico (PSCE) e disciplina da graduação da Universidade Federal da Paraíba. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 17, 2024. Sobral. *Anais*... Sobral: UFCE, 2024a. Disponível em: https://abem.mus.br/anais_ernd/v6/papers/1927/public/1927-8429-1-PB.PDF. Acesso em: 04 set. 2026.

TANAKA, Harue. Música, gênero e saúde: considerações entre o ensino e a saúde mental de estudantes de piano (extensão universitária). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 34, 2024b, Salvador. *Anais***...** Salvador: UFBA, 2024. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2271/public/2271-10202-1-PB.pdf. Acesso em: 20 jul. 2026.

TANAKA, Harue. "Mulheres musicando localmente": análise de dois casos. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 34, 2024, Salvador. *Anais***...** Salvador: UFBA, 2024c. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2584/public/2584-10210-1-PB.pdf. Acesso em: 10 set. 2026.

TANAKA, Harue. Gênero, música, educação e saúde mental: mulheres em performance musical em tempos de pandemia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 5, 2021, On-line. *Anais***...** On-line, 2021a. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_23112021182928.pdf. Acesso em: 10 set. 2021

TANAKA, Harue. Mulheres em performance musical: ações de um grupo de pesquisa em música e gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12, 2021, Florianópolis. *Anais***...** Florianópolis: UFSC, 2021b. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611681140_ARQUIVO_0a7fbbb8d7b82defa202b588df0b5c84.pdf. Acesso em: 10 set. 2026.

TANAKA, Harue. Mulheres em performance musical: nosso musicar local. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 29, 2019, Pelotas.

Anais... Pelotas: ANPPOM, 2019. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2019/5708/public/5708-20819-1-PB.pdf. Acesso em: 04 set. 2026.

TANAKA, Harue. Reflexões sobre o universo da performance musical feminina: o caso das sanfoneiras acadêmicas. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 28, 2018, Manaus. *Anais*... Manaus: ANPPOM, 2018. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2018/5292/public/5292-18349-1-PB.pdf. Acesso em: 26 jul. 2026.

TANAKA, Harue. Educação musical: Interfaces com etnomusicologia, música, corpo, gênero, educação e saúde em um grupo de pesquisa. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 13, 2016, Teresina. *Anais*... Teresina: UFPI, 2016. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v2/papers/2088/public/2088-6880-1-PB.pdf. Acesso em: 04 set. 2026.

TANAKA, Harue; FREITAS, Lygia L. de; ROCHA, Rosenilha F. Mulheres brincantes do coco em cena: uma análise inicial sobre um grupo de pesquisa em gênero e música. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 8, 2017, Rio de Janeiro. *Anais*... Rio de Janeiro: ABET, 2017. Disponível em: https://www.abet.mus.br/wp-content/uploads/2018/11/ANAIS-VIII-ENABET-RJ-2017.pdf. Acesso em: 10 set. 2026.

VASCONCELOS, António Ângelo. *O conservatório de música*: professores, organização e políticas. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2002.